

Alberto Moreira

MIGUEL ÂNGELO

*Esboço biográfico do talentoso
maestro e compositor "portuense."*



Porto

1956



Pereira, Miguel

ALBERTO MOREIRA

MIGUEL ÂNGELO

Esboço biográfico
do talentoso maestro
e compositor «portuense»



*Barcelos
Perm.*

1956

OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

Saudação (poesia) — 1946
Guilherme Braga (Esboço biográfico) — 1947
Poetas do Norte { I — Pedro de Lima — 1948
 { II — Oliveira Macedo — 1949
Junqueiro e Camilo — 1950
Victor Hugo — 1952
Folhas diluídas — 1954

PRONTAS A ENTRAR NO PRELO:

Guerra Junqueiro — Desde a alvorada ao Ocaso
Cesário Verde (Esboço biográfico)
Guerra Junqueiro — O Poeta, o Orador e o Patriota ⁽¹⁾
Guerra Junqueiro — O Poeta, o Jornalista e o Parlamentar ⁽²⁾
A Caravana dos Mortos (Crónicas)
Rosas e Ortigas (Poesias)

EM PREPARAÇÃO:

Guilherme Braga — Sua Vida e sua Obra
Poetas do Norte (Biografias)
Júlio Brandão (Esboço biográfico e recordações pessoais)

(1) Conferência realizada na «Cooperativa do Povo Portuense», em 28 de Outubro de 1950.

(2) Conferência escrita em Novembro de 1950 para ser lida num importante Salão da capital, mas que não chegou a efectivar-se.

Ao distinto Escrito
Augusto Loucasaus,
que é, segundo me dis-
se o Artista António
Silva, "formado em
letras nos caixotins
MIGUEL ÂNGELO
de uma velha tipo-
grafia".

of
com muita admi-
ração, quem se for-
mou na Bibliotheca
Pública do Porto, e no
forçado desempenho da
profissão que Antero
exerceu por desporto.

Vilar-Vila do Lopo,
23 Abril 57

Alves Moreira

Ao Dr. A. de Magalhães Basto

*consagrado Mestre e eminente Historió-
grafo da sempre Nobre e Invicta Cidade*

*oferece e dedica
o seu muito devotado admirador*

Alberto Moreira

No momento em que do lado de lá do Atlântico mão amiga me açena convidando-me a buscar na Pátria de Casimiro de Abreu o legítimo conforto que o Destino tem caprichado em recusar-me na lusa Pátria: — como há um século também não consentiu ao saudoso cantor das *Primaveras* —, eu, hesitante ainda no rumo a tomar, ante a fascinação do aliciante convite e o receio da nostalgia, antes de preparar as malas quero testemunhar públicamente a minha gratidão ao ilustre Escritor que me abriu as portas da Imprensa franqueando-me, em gesto amigo, a entrada honrosa n-«*O Tripeiro*».

Não me sendo possível, por agora, prestar maior homenagem de respeito, admiração e reconhecimento ao ilustre portuense — em nossos dias justamente considerado o «Cronista-Mor da Cidade» — consagro-lhe estas páginas agora reunidas em volume e inicialmente publicadas n-«*O Tripeiro*».



MIGUEL ÂNGELO

Hoje está assente que Miguel Ângelo nascera em Barcelos — e sabe-se que fora baptizado no Porto, na igreja de Cedofeita. Também Eça de Queirós viu a luz do mundo na Póvoa de Varzim e recebeu o baptismo em Vila do Conde. Estes factos não são vulgares e, quase sempre, pelo decorrer dos tempos — quando são respeitantes a personalidades que saíram fora da craveira vulgar — dão origem a confusões e suscitam divergências nobremente inspiradas por sentimentos bairrísticos. Com o famoso autor de *O Crime do Padre Amaro*, apesar dele declarar que era « um pobre homem da Póvoa de Varzim », ainda depois da sua morte o sentimento bairrístico, e também ainda alguns biógrafos menos profundos, o davam como nascido na princesa do Ave: — a lendária pátria da enamorada Ribeirinha.



Miguel Ângelo, aos 14 anos

Com Miguel Ângelo o caso passou-se algo diversamente, pois, tanto em Portugal como no estrangeiro, era ele quem, orgulhosamente, se declarava portuense — e como filho desta nobre e invicta cidade foi apresentado pelos seus primeiros biógrafos. Longe de nós o propósito de contestar o facto, dado como certo, de Miguel Ângelo ter nascido na ducal e pitoresca vila do remançoso Cávado que, orgulhosa por ter sido berço de tão distinto Artista, já algo tem feito para eternizar a memória do grande compositor do *Eurico*; o que pretendemos deixar bem vincado é o facto de Miguel Ângelo — propositadamente, ou por convicção — por largo tempo e muito ufanamente se declarar portuense. E porque o genial Artista nesta cidade viveu o período infantil, fez os seus primeiros estudos e recebeu o seu primeiro salário como menino de coro; porque foi no Porto que formou o seu lar e conquistou a glória; e ainda porque nesta cidade ficou a repousar o eterno sono — que é bálsamo e redenção para os grandes e inspirados Artistas, quando o génio, fundido com o desespero, os mergulha nas densas trevas da loucura. E, em suma: porque o Porto foi para ele Capitólio e Rocha Tarpeia, são estes os motivos que nos levam a esboçar nas páginas do nosso querido O TRIPEIRO a biografia do ilustre portuense — nascido em Barcelos.

*

O filho primogénito de Bento de Araújo Pereira e de D. Ludovina Rosa de Jesus, nascera em Barcelos, em 24 de Janeiro de 1843 e para o Porto viera,

recémnascido, sendo baptizado na igreja de Cedofeita com o nome de Miguel Ângelo, e nesta cidade viveu até à idade de dez anos. Seu pai, devotado à música e no Porto estabelecido, granjeava o suficiente para manter o seu modesto lar num relativo conforto. Mas, a breve trecho, por questões políticas — ou motivos de outra ordem — viu-se obrigado a emigrar para o império do Brasil onde, de início, a fortuna lhe foi adversa, impedindo-o de enviar periodicamente as indispensáveis importâncias para o sustento da família. E, assim, decorridos alguns meses, no modesto lar que Bento de Araújo Pereira tão saudosamente abandonara, entrou, aterrorador, o negro fantasma da miséria. Nesse momento a mãe de Miguel Ângelo chorou convulsivamente ao ver-se «condenada por uma infelicidade atroz a sentir duplicadamente a falta de seu esposo, pela viuvez da ausência e pela tortura das privações» (1). O emigrante — ou homiziado — Bento de Araújo Pereira lutava denodadamente em terra estranha, ralado de saudades e cruciado pela dor amarga, pressentindo que seus filhos passariam fome!... Não se enganava; em Portugal a saudosa esposa «viu despontar para ela um dia terrível: o dia em que pela primeira vez não podia dar a seus filhos o alimento quotidiano, já até então bem negro, bem parco, bem amassado com lágrimas» (2). Miguel Ângelo, que então ainda não tinha oito anos, compreendeu a situação aflitiva de sua mãe e, impul-

(1) Guilherme Braga — *Porto Elegante*, 1865.

(2) *Idem, idem.*

sionado por um sentimento corajoso e nobre, saíu de casa à conquista do pão!... Foi, sem dúvida, tão arrojado como ingénuo o propósito de Miguel Ângelo, pois era ainda muito criança e já lhe sobrava em orgulho o que lhe faltava em qualidades «para adquirir algum dinheiro neste grande mercado do mundo» (1). Diremos claramente: esta gentil e orgulhosa criança não podia mendigar, não era capaz de estender a mão pedindo esmola a quem quer que fosse — mas, crente, foi ajoelhar-se, pedindo à Providência. Caminhara até à igreja da Lapa e ficara longo tempo no pátio a magicar na solução de tão difícil problema. Finalmente, sem ter ainda descortinado o rumo a tomar, reparou que um sacerdote entrava no templo, e, «por um admirável sentimento de religião, Miguel Ângelo seguiu esse homem, e ia talvez pedir a Deus, de joelhos, uma inspiração que salvasse sua mãe, quando viu que o sacerdote pedia alguém que o ajudasse no sacrifício da missa» (2). Miguel Ângelo ofereceu-se prontamente e tão bem se desempenhou do encargo, que o honrado sacerdote ficou satisfeito e soube remunerar nobremente o pequeno e incipiente acólito. Desde então, Miguel Ângelo continuou a aparecer no templo da Lapa e, quando vagou um lugar de menino de coro, logo o inteligente e bondoso sacerdote o fez preencher pela gentil criança que, deste modo, ficara usufruindo a regalia de frequentar gratuitamente o liceu da Lapa.

(1) Guilherme Braga — *Porto Elegante*, 1865.

(2) *Idem, idem.*

Dois anos depois (1853), Bento de Araújo Pereira veio a Portugal; a roda da fortuna havia-se cansado de lhe trocar as voltas e ele conseguiu o indispensável para levar para o Brasil a esposa e os filhos. Miguel Ângelo contava então dez anos de idade e dois de frequência no conceituado colégio da Lapa, onde fizera os seus primeiros estudos e revelara especial vocação para a música. Seu pai, também devoto de Euterpe, acalentou a vocação da esperançosa criança e, no Brasil, deu-lhe os melhores professores, conseguindo até que o juvenil artista recebesse proveitosas lições de Segismundo Talberg, quando este famoso músico, em sua constante peregrinação artística pelas cinco partes do mundo, se demorou algum tempo no Rio de Janeiro.

Contando apenas três lustros, já Miguel Ângelo era um pianista apreciado nos principais salões fluminenses, e tão rapidamente se notabilizou que ainda no verdor dos anos conquistou o honroso lugar de organista particular da capela do imperador do Brasil. Deu concertos nos mais categorizados teatros do Rio de Janeiro, e, pelos seus elevados sentimentos de fraternidade e patriotismo, deu a sua prestantíssima colaboração a numerosos espectáculos em favor dos operários sem trabalho, dos asilos e de todas as associações portuguesas do Rio de Janeiro. Assim, aos vinte anos Miguel Ângelo era duplamente admirado: pelo seu raro talento de pianista exímio e pela nobreza da sua alma exuberantemente generosa. Em suma: pelo génio e pela bondade caminhava para a glória, era alvo de entusiásticas ovações e via sorrir-lhe a fortuna. Mas o Artista havia nascido em Portugal e,

apesar da agridoce recordação da quadra infantil, e do facto de agora se encontrar bem instalado, e no seio da família, na pátria do melancólico Casimiro de Abreu, deixou-se vencer pela nostalgia da terra lusa. E, assim, movido pelas saudades da Pátria, e ainda pelo desejo de ir à Itália estudar contraponto com o célebre compositor Mercadante, em 28 de Março de 1864 efectuou um grande concerto, despedindo-se do público fluminense; e em 24 de Abril saía do Rio de Janeiro, no paquete francês «Extremadure», chegando a Lisboa na manhã de 15 de Maio. Pouco tempo se demorou na lusa capital, pois dez dias depois já ele se achava no Porto, hospedado no «Hotel Lisbonense», e em 27 do citado mês de Maio o cronista do *Jornal do Porto*, sob a epígrafe «Artista distinto», anunciava a sua chegada à cidade invicta, e tecia-lhe justos louvores, dizendo ser ele «um moço de elevado talento que deve à sua corajosa iniciativa o elevado lugar que hoje ocupa no mundo musical». E porque Miguel Ângelo havia revelado ao jornalista o seu aliciante propósito, o noticiarista terminou por dizer que o laureado Artista ia «empreender uma viagem à Europa, dirigindo-se à Alemanha para estudar a sua mimosa arte com os professores da grande jerarquia artística».

Miguel Angelo, que considerava o Porto sua terra nativa, aqui se relacionou imediatamente com a grande família artística e, em 4 de Junho de 1864, realizou no «Teatro de S. João» o seu primeiro concerto em Portugal. Foi muito ovacionado, e é digno de registo o facto de, logo no programa desta sua primeira exibição, se apresentar como «pianista

portuense e organista particular da capela de S. M. o imperador do Brasil». No dia seguinte, 5 de Junho de 1864, voltou a exhibir-se no «Teatro de S. João», tomando parte na festa em que o rabequista Francisco Pereira da Costa fez a sua despedida dos portuenses para ir ao Brasil tentar fortuna.

Também o pianista portuense Artur Napoleão que, depois de longa peregrinação pelo estrangeiro, do Brasil regressara à Pátria quase simultaneamente com Miguel Angelo, aqui se exhibia raramente e era muito admirado pelos seus patrícios, logo se relacionou com Miguel Angelo e, quando em 18 de Novembro de



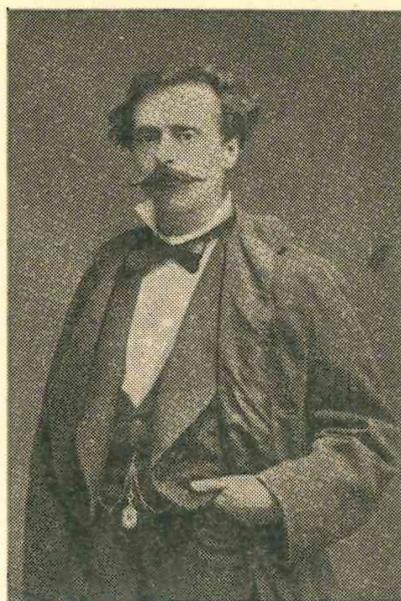
Artur Napoleão, aos 23 anos (1866)

1864 efectuou um concerto no «Teatro Baquet» teve, nessa esplêndida festa, o valioso concurso do futuro compositor do *Eurico*, que executou, juntamente com o beneficiado, uma composição para dois pianos, sendo muito ovacionados.

É consolador verificarmos a fraternal camaradagem dos artistas que actuavam na cidade da Virgem nessa época de fervorosa devoção pelas sublimes manifestações espirituais!... Para 23 de Dezembro de 1864 anunciara a Imprensa, com alguns dias de antecedência, um «grande concerto dado pelo pianista portuense Miguel Angelo». Foi



António Maria Soller



Augusto Marques Pinto

uma festa brilhantíssima, que se efectuou no « Teatro de S. João », e na qual tomaram parte setenta valorosos artistas, contando-se entre eles Carlos Dubini, Marques Pinto, António Maria Soller e Artur Napoleão. Também os poetas acorreram a essa grande festa, e Pedro de Lima, Dias de Oliveira e Guilherme Braga exaltaram em belos versos o génio artístico do jovem pianista « portuense ». Os versos de Guilherme Braga apareceram mais tarde (1869) nas *Heras e Violetas*, que hoje conta várias edições, mas, apesar de bem conhecidos, não deixamos de os reproduzir, pois são as primeiras e mais viçosas flores com que o fulgurante Poeta portuense engrinaldou a frente do jovem e talentoso Músico :

A MIGUEL ÂNGELO PEREIRA

*Dante soube moldar na estrofe a santa ideia ;
Fidias gravou-a em bronze e à pedra a transmitiu ;
Rafael, com a luz que as almas incendeia,
Dando-lhe uma existência, a tela coloriu.*

*Tu, como eles também, de glória coroado,
Ouves cantar-te em roda uns espíritos bons,
E, ao sol da Arte sublime, ó sublime inspirado,
Tu dás à ideia a forma invisível dos sons !*

A esplêndida poesia com que Dias de Oliveira exaltou Miguel Angelo appareceu três anos depois no livro *Aerólitos*, que o malgrado vate portuense publicou no Rio de Janeiro em 1867; é muito extensa, e só por tal motivo a não arquivamos, para dar lugar aos também magníficos versos de Pedro de Lima, que ficaram dispersos :

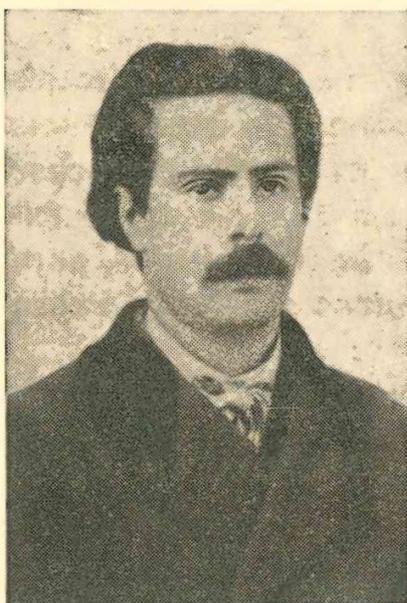
AO ARTISTA MIGUEL ÂNGELO

*Quando ao romper do dia o órgão da floresta,
Repete o hino santo, o cântico de festa
Que a natureza entoa ao rei da criação,
Prestas atento ouvido e no êxtase tu'alma,
Subindo pouco e pouco à imensidade calma,
Rouba às harpas do céu a angélica oração...*

*Então, ó cismador, os silfos que revoam
Em torno do teu leito e teus sonhos povoam
De mágicas visões, descobrem-te o porvir ;
E a tua fantasia, através dos espaços
Desprende o voo audaz ; e na terra os teus passos
Vão a senda imortal intrépidos abrir !*

O sopro inspirador bafeja-te essa fronte,
Onde o génio gravou, como em largo horizonte,
Da glória o astro-rei, do entendimento o sol!
— Caminha, que te espera a c'roa diamantina,
Que Meyerber cingiu e cingiu Palestrina
No crânio, como o teu, gigantesco crisol! ...

Assim, em plena mocidade, o talentoso artista «portuense» via-se aureolado pela justa fama de exímio pianista; mas ele sentia no crânio o constante latejar do génio, e



Guilherme Braga

não podia limitar-se apenas à glória de executante. Já quando em 15 de Maio de 1864 chegou a Portugal, e teve conhecimento da morte de Meyerber, ocorrida em Paris treze dias antes, alguém lhe vaticinara um futuro glorioso e lhe dissera que ele surgia na Pátria lusa a preencher a lacuna verificada na França com a perda do portentoso autor das famosas óperas *Huguenotes* e *Roberto do*

Diabo. E também o moço poeta que o biografou em 1865 lhe reconheceu grandes qualidades de compositor, afirmando que a sua coroa de glória seria mais de Rossini que de Liszt.

Breve se verificou que não fora errado o vaticínio do inspirado cantor das *Heras e Violetas*, pois em meados de Janeiro de 1865 já a Imprensa

portuense anunciava que Miguel Angelo estava a compor uma ópera, com o título de *Eurico*, e cujo libreto fora extraído do romance de Herculano pelo distinto poeta Pedro de Lima. Entregue ao seu arrojado trabalho de compositor, o notável pianista aparecia poucas vezes em público; mas em 12 de Março, cedendo a instâncias de Sá Noronha, partiu para Coimbra com o distinto violinista e compositor e, em conjunto, na Lusa Atenas deram alguns concertos, colhendo vantagens apreciáveis. Regressando à cidade invicta, logo no dia 31 do citado mês de Março tomou parte no sarau dramático-musical efectuado no « Teatro Minerva » — propriedade da baronesa de Nevogilde — em benefício da família do malgrado jornalista Ribeiro de Sá. À distância de quase um século, recordamos com funda admiração a nobreza espiritual dos artistas



Pedro de Lima

portuenses que numa bela comunhão de ideias, e movidos pelos mais elevados sentimentos de fraternidade, davam dignificantes provas de nobilíssima solidariedade. Justo nos parece registar que com esta festa artística se conseguiu para a viúva e filhos do inditoso jornalista a bonita importância de 164\$40, e que de tão vantajoso benefício muito foi devido a Miguel Angelo, Nicolau Ribas, Gui-

lherme Braga, Pedro de Lima, Dias de Oliveira e aos artistas amadores da companhia do «Teatro Minerva», que representaram a peça de Camilo *Poesia ou dinheiro*.

Em Portugal, como já antes no Brasil, nunca Miguel Angelo recusou o concurso do seu privilegiado talento àqueles que lho solicitavam; assim, em 1 de Maio de 1865, foi ao «Teatro de S. João» executar ao piano uma peça de sua autoria na festa de despedida das famosas rabequistas Clauss que, em *tournée* pela Europa, aqui no Porto estadearam algumas semanas. E, quando em Maio deste mesmo ano de 1865 o violinista Marques Pinto adoeceu gravemente, logo Miguel Angelo e outros artistas formaram uma comissão que organizou para 12 de Junho um grande concerto no «Teatro de S. João», em benefício do notável rabequista, enfermo e sem fortuna.

Miguel Angelo possuía um orgulho indomável, mas era dotado de sentimentos nobres e generosos; o seu talento era bem notório e, felizmente, os artistas cultos prestavam-lhe merecida justiça — e os portuenses, que o consideravam seu patrício, orgulhavam-se de tão ilustre conterrâneo. Assim, em fins de Julho de 1865 foi distribuído o número nove da interessante revista *Porto Elegante*, inserindo o retrato do glorioso pianista, e a sua biografia escrita pelo poeta portuense Guilherme Braga. Não há dúvida de que este preito de justiça ao talento de Miguel Angelo, feito numa revista portuense por um escritor do Porto, muito sensibilizara o homenageado que, como mais uma vez repetimos, a todos se dizia filho desta nobre e invicta cidade. Mas, o

que é certo, o laureado artista estava no verdor dos anos, possuído de entusiasmo ardente e incapaz de se deixar adormecer à sombra dos louros já conquistados: — aspirava mais glória, e essa deusa estranha, para tantos avara e para ele fagueira, acenava-lhe, aliciante!... Miguel Angelo viu, então, chegado o momento de converter em realidade o sonho que o acalentava quando saíu do Rio de Janeiro: percorrer a Europa e estudar com os grandes mestres. Para tal fim, em 7 de Agosto de 1865 embarcou no vapor «Beta» e seguiu para Londres, para depois percorrer as principais cidades da Europa, regressando a Portugal só em fins de Dezembro.

Por esta ocasião, em sucessivos números da revista portuense *A Esperança*, Alberto Pimentel falou largamente da ópera *Eurico*, e, aludindo ao seu compositor, dizia:

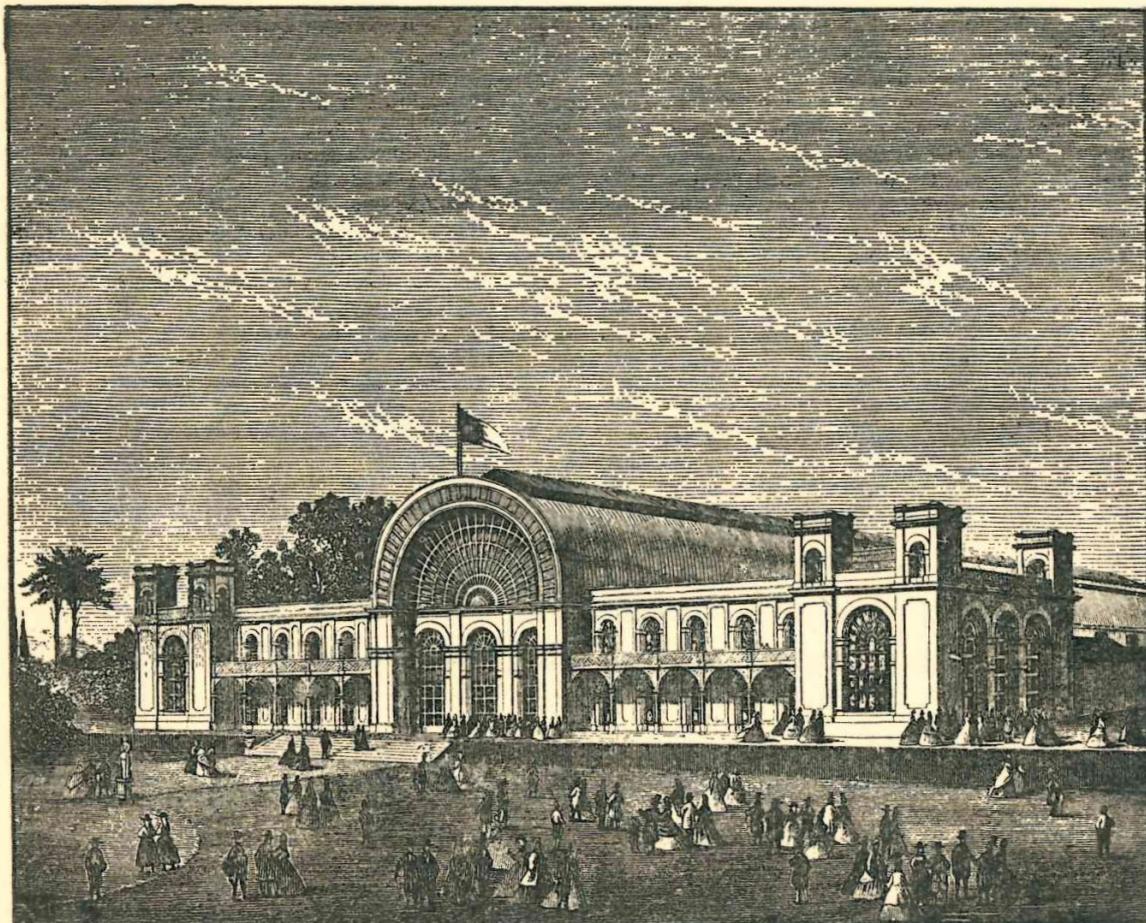
«Se o génio de Miguel Ângelo se pode aquilatar pelas impressões que recebemos quando o ouvimos, cada um de nós pode afirmar que é o músico por excelência — uma vocação pronunçiadíssima. Há naquela fronte um raio de luz que lhe transverbera do interior do crânio, porque lá dentro está o fogo, o génio, a inspiração».

E, Alberto Pimentel, falando da obra de Miguel Angelo, segundo apontamentos que recebera de Pedro de Lima, diz:

«Esses apontamentos falam de duas maravilhosas composições do sr. Miguel Ângelo. De um *Te-Deum* ensaiado há pouco na igreja de S. Bento da Vitória e de uma missa cantada na matriz de Miragaia».

Estas composições, segundo cremos, foram feitas a convite de algum mestre de capela — o sr. Silvestre, ou o sr. Canedo — com quem Miguel Angelo muitas vezes acamaradou, e teriam aparecido anónimas, pois não vimos na Imprensa da época qualquer referência ao seu autor.

Por simples equívoco, alguns biógrafos de Miguel Angelo disseram que o laureado artista compusera uma grande marcha — *Progrebior* — para ser executada na abertura da Exposição Internacional do Palácio de Cristal. Fácil e justo nos parece reparar o lapso, pois é do conhecimento de todos nós o indelével registo nos anais portuenses de que foi D. Pedro V quem veio à Cidade Invicta em 3 de Setembro de 1861 «lançar a pedra fundamental nos alicerces do Palácio»; e tendo o nobre e querido monarca falecido poucas semanas depois (11 de Novembro de 1861), e tendo surgido reveses que muito emocionaram a vida portuense, o labor afrouxou consideravelmente e só em 18 de Setembro de 1865 o Palácio de Cristal pôde ser inaugurado com a abertura da notável Exposição Internacional, sendo o rei D. Luís quem presidiu ao acto inaugural. E, como já dissemos, por essa ocasião Miguel Ângelo andava em viagem pela Europa, chegando a Portugal só em fins de Dezembro. Foi ao Palácio de Cristal pela primeira vez em 6 de Janeiro de 1866 tomar parte no grande concerto ali efectuado em favor do monumento a D. Pedro V, e que rendeu 682\$000 para a comissão encarregada de erigir o monumento — uma das maiores e mais nobilitantes iniciativas particulares, cuja realização, apesar de vantajosas concessões, ainda absorveu a larga



DESENHO DA SILVA & ALBERTO.

Fachada principal do antigo Palácio de Cristal Portuense

importância de 13.047\$000. Ficou registado nos jornais da época o facto de ter sido Miguel Angelo o mais ovacionado de todos os artistas nesta esplêndida festa em que reapareceu ao público depois do regresso da sua primeira viagem pela Europa.

Miguel Angelo, contando apenas vinte e três anos, ia de triunfo em triunfo a caminho da glória; vivia da música e para as inspiradas concepções harmoniosas. Já não era apenas um distinto pianista, mas, também, um talentoso e inspirado compositor que súbitamente se revelara de modo assombroso. E, dado que Euterpe e Polimnia são irmãs, todos os poetas impulsionados pelo sentimento fraternal e familiar exaltavam o grande Músico. Guilherme Braga — o vate portuense que se librou às mais sublimes regiões da Poesia —, num poema dedicado ao seu contubernal Ernesto Pinto de Almeida, aludindo à juvenil pleiade que, então, neste Porto progressivo e culto florescia pujante e luminosa, dizia do nosso biografado:

*Miguel Angelo, o artista, a cabeça imortal
Onde está fermentando um futuro mais rico...
O homem que levantou o cadáver do Eurico
Para o dar no teatro às grandes ovações,
Que cercam d'ordinário os grandes corações.*

Quando em 3 de Fevereiro de 1866 se inaugurou o monumento a D. Pedro V, com a assistência do rei D. Luís, após a cerimónia do honroso acontecimento — realizado graças à devoção dos artistas portuenses pela memória do saudoso monarca —, tendo o secretário da comissão promotora da home-

nagem lido a acta da inauguração, logo assinada por D. Luís, muitas centenas de pessoas acompanharam o rei até à igreja dos Congregados — então denominada de Santo António da Porta dos Carros — e ali assistiram ao *Te-Deum Laudamus* que Miguel Angelo expressamente compusera para solenizar o inolvidável acontecimento, e dedicara aos portuenses, sendo cantado pelo deão e executado pela orquestra do senhor Silvestre, para tal fim composta por oitenta professores. A notável composição de Miguel Angelo satisfiz plenamente os mais exigentes e devotados apreciadores da música sacra, e o facto de entre a selecta assistência se encontrar o monarca, mais contribuiu para o notório triunfo do jovem compositor que, três dias depois, desvanecido com o êxito, testemunhava públicamente o seu reconhecimento aos artistas que devotadamente concorreram para a magistral execução do *Te-Deum Laudamus*. Aqui arquivamos esse documento, dado à estampa nos principais periódicos portuenses, como testemunho do nobre carácter de Miguel Angelo:

AGRADECIMENTO

O abaixo assinado, autor do *Te-Deum* executado na igreja de Santo António dos extintos congregados, em acção de graças pela inauguração do monumento ao nosso chorado monarca o senhor D. Pedro V, como português e como artista, agradece aos artistas da capela do senhor Silvestre o patriotismo e amor da arte com que se prestaram à execução do dito *Te-Deum*.

O desinteresse com que o fizeram, constitui para quem o compreende, como o abaixo assinado, um acto tão sublime, que para sempre lhe ficará gravado no coração:

pequena prova de reconhecimento é esta, mas a mais verdadeira que pode oferecer-lhes.

Porto, 6 de Fevereiro de 1866.

Miguel Angelo.

A reputação do moço artista estava consolidada; e logo em 21 de Fevereiro do citado ano



António Canedo

Des. por António de Sousa Nogueira, in «Pontos e Virgulas». Ano I—Porto, 1894.

de 1866, alcançava proveitosos louros num grande concerto em seu benefício realizado no «Teatro Baquet», e no qual tomaram parte Sá Noronha, Canedo, Soller e César Casella. Decorridos dois meses (15 de Abril de 1866), mais uma vez Miguel Ângelo evidenciava as suas excelsas qualidades de artista: numa brilhante festa efectuada no Palácio de Cristal executou no grande órgão alguns trechos de várias óperas, sendo muito ovacionado, não só pela impecável execução como, também, pelo

facto altamente honroso de ser ele o primeiro artista português a exhibir-se em tão famoso e delicado instrumento que até então estivera confiado a um artista estrangeiro:—o famoso organista francês Carlos Widor.

Miguel Angelo estava no início da sua brilhante carreira de compositor e era considerado um dos melhores pianistas portugueses. No Porto, onde quase todas as famílias distintas possuíam um piano e, com mais ou menos gosto e devoção, cultivavam a música, resolveu Miguel Angelo dedicar-se ao ensino. Assim, durante alguns dias, a partir de 19 de Abril de 1866, fez publicar no *Jornal do Porto* o seguinte anúncio:

MIGUEL ANGELO

Dá lições de piano, canto, harmonia e contraponto; pode ser procurado das nove às dez horas da manhã na Rua do Almada, 329.

Como era natural, não lhe faltavam alunos e, segundo alguns biógrafos, o famoso Mestre chegou a cotar as suas lições por preços elevadíssimos: — «meia libra por lição» (1).

Em 22 de Abril foi ao Palácio de Cristal executar no órgão várias composições e a peça original de sua autoria *Marcha improvisada*; em 28 do citado mês e ano de 1866 tomou parte no concerto efectuado por Marques Pinto e Nicolau Ribas no Palácio de Cristal; e no dia seguinte lá voltou, dando um concerto no grande órgão. No decorrer dos meses de Maio e Junho várias vezes foi ao Palácio, executando no órgão trechos das mais notáveis óperas estrangeiras e composições de sua

(1) Joaquim Leitão — *Deuses do Lar*, pág. 96.

autoria, sendo muito aplaudida a *Marcha original*, ali apresentada pela primeira vez.

Por esse tempo tinha quase concluída a ópera *Eurico*, e Sá Noronha afadigava-se para apresentar em público a ópera *O Arco de Sant'Ana*, que havia concluído em Abril de 1865 e dedicara aos portuenses. Logrando vencer inúmeras dificuldades, o distinto *maestro* Sá Noronha conseguiu apresentar a sua ópera no «Teatro de S. João» em 5, 17, 18 e 27 de Janeiro de 1867. Miguel Angelo assistiu desvanecido ao triunfo do seu velho camarada e escreveu uma extensa carta ao laureado compositor, felicitando-o e dando-lhe a

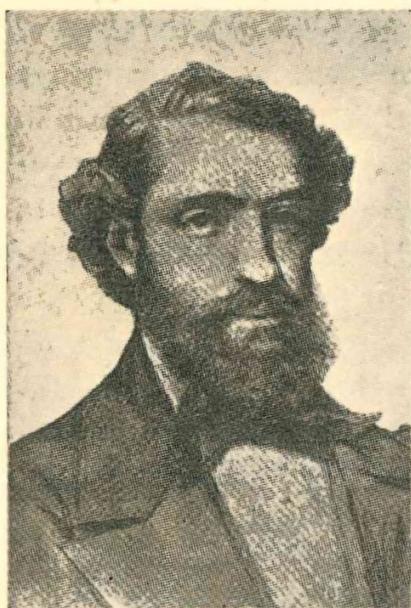


Nicolau de Medina Ribas

sua opinião acerca do mérito de *O Arco de Sant'Ana*. Esta carta foi publicada no *Jornal do Porto*, logo em 13 de Janeiro de 1867, e nela evidencia Miguel Angelo nobres sentimentos de fraternal camaradagem e poderosas qualidades de crítico musical.

Miguel Angelo, então entregue às canseiras de leccionar, e empenhado na delicada tarefa de compositor, raras vezes aparecia em público; mas em 2 de Outubro tomou parte com Ciríaco Cardoso e António Soller no concerto dado no «Teatro de S. João» pela famosa rabequista italiana Catarina Lebouys.

Coadjuvado por Marques Pinto, pelos coros da companhia lírica e pela orquestra do «Teatro de S. João», deu Miguel Angelo um grande concerto na antevéspera do Natal de 1867, colhendo fartos louros como executante e como compositor, pois «revelou, mais uma vez, o seu talento musical em todas as composições», e foi neste concerto que pela primeira vez apresentou a marcha triunfal *Progredior*, dedicada ao Porto — e que alguns biógrafos mal informados pensaram ter ela sido executada em 1865,



Francisco de Sá Noronha

na ocasião da abertura da Exposição Internacional do Palácio de Cristal. Da marcha *Progredior* disse um crítico da época :

«É especialmente uma composição de grande dificuldade e de profundo estudo, sendo de uma harmonia surpreendente».

Também a composição sacra *Stabat Mater*, magistralmente executada no concerto a que nos vimos referindo, deixou encantada toda a assistência.

No começo da primavera de 1868 foi Miguel Angelo passar uns dias à cidade de Guimarães, dando em casas particulares da antiga capital do Reino alguns concertos que deixaram extasiada a fidalguia vimaranense. Deixando fundas saudades e gratas recordações na terra nativa de Sá Noro-

nha, regressou ao Porto e, em 25 de Abril, tomou parte com António Canedo, Nicolau Ribas e Artur Napoleão, no sarau musical e dramático realizado no «Teatro de S. João» em benefício da Sociedade de Socorros dos Tipógrafos Portuenses.

Miguel Angelo era, então, mais compositor do que executante e raras vezes aparecia em público. Uma das suas composições que em 1868 alcançou larga voga foi a valsa *Quem?*, cujo título é a interrogação à valsa que Ciríaco Cardoso havia publicado com o título *Ela* — e pouco depois respondia à pergunta de Miguel Angelo com a valsa *Leonor!*

A ópera *Eurico*, extraída do famoso romance de Herculano, estava concluída, e Miguel Angelo chegou a impacientar-se com a morosidade do professor Taglapietra em a trasladar para o idioma italiano. A obra-prima de Herculano, tendo galgado as fronteiras, começava por essa época (Agosto de 1869) a ser publicada em folhetins num considerado jornal de Itália, e Miguel Angelo ambicionava fazer a estreia da sua ópera num teatro de Paris!... O compositor do *Eurico*, num orgulho incontido, falava a toda a gente desta ópera, afirmando ser um trabalho como em Portugal nunca se verificara. É natural que Miguel Angelo pecasse pelo seu indomável orgulho, mas falava sinceramente, pois tinha a consciência do seu valor e estava convicto de que o *Eurico* lhe dava a imortalidade como compositor.

Depois de muitas fadigas e muitas canseiras, Miguel Angelo conseguia levar à cena em Lisboa, no «S. Carlos», a obra em que há quatro longos anos vinha depositando toda a confiança na sua glória

— e orgulhosamente a proclamava aos quatro ventos!...

A primeira récita do *Eurico* teve lugar em 23 de Fevereiro de 1870. Agradou, mas o seu êxito ficou muito aquém do espantoso triunfo que os fervorosos admiradores do genial compositor haviam vaticinado... Está, porém, suficientemente provado que o trabalho de Miguel Angelo, mau grado uma ou outra imperfeição, era arrojado e muito importante, e que a obra do compositor foi imensamente prejudicada pelo mau desempenho dos artistas que, exceptuando o famoso barítono Merly, todos foram lastimosamente medíocres — tão medíocres que logo o correspondente do *Jornal do Porto* em Lisboa informava:



Ciriaco de Cardoso

Des. por Adolfo Nunes, in «Os Pontos», 5.º ano — Porto, 1900.

« ... o desempenho foi mau; alguns dos cantores pareciam mais dispostos a contribuir para que a peça fizesse fiasco do que para o seu bom êxito ».

A Imprensa da capital, honrando a sua nobre missão, largamente se ocupou do *Eurico* e fez justiça ao génio do seu compositor. O noticiarista do jornal católico *A Nação*, que não conhecia Miguel Angelo e, portanto, era insuspeito, afirmou:

« A ópera é rica em instrumentação, e tem alguns trechos admiráveis em harmonia e sentimento ».

E o citado noticiarista da folha religiosa dizia, ainda, ser « a música absolutamente original », terminando por dizer :

« A ópera ressent-se do romance que lhe serviu de assunto, é bela como ele, mas como ele fadiga ».

Foi, aliás, esta a opinião da maioria dos críticos. A *Revolução de Setembro* censurou ásperamente o público que tantas vezes aplaudia banalidades e, desta vez, não soube premiar o notável trabalho do jovem compositor português, asseverando :

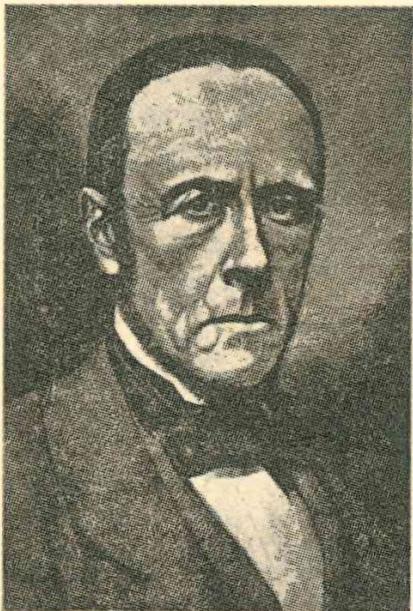
« ... o que ali há de labor e estudo vale-lhe já um dos mais distintos lugares no mundo musical ».

O *Diário de Notícias* exaltou o grande mérito do autor do *Eurico*, e porque esta ópera era original e saía fora da vulgaridade, o articulista recordou a estreia de Rossini, cinquenta e três anos antes, num teatro lírico de Roma, onde apresentou *O Barbeiro de Sevilha*, sendo assobiado e alvo de torpes insultos, e depois, à saída do teatro ainda o público lhe atirou lama à cara e o apedrejou até casa, partindo-lhe os vidros das janelas!...

Com Miguel Angelo não sucedeu semelhante coisa, mas ainda assim o inteligente crítico do *Diário de Notícias* admirava-se da coragem com que o incompreendido compositor « conseguiu manter a batuta até ao fim », e terminava por dizer :

« O *Eurico* encerra defeitos graves, como drama lírico, mas contém grandes belezas e raros méritos como composição musical ».

A segunda récita do *Eurico* estava anunciada para 25 de Fevereiro, mas não pôde efectuar-se porque o tenor Ugollini, que na estreia mal se houvera por estar doente, ainda se achava incomodado. Efectuou-se em 26, e tendo a ópera beneficiado de mais dois ensaios e algumas modificações—e tendo



Alexandre Herculano

o público tomado em conta os justíssimos reparos da Imprensa! — já Miguel Angelo foi muito victoriado. Começava-se a compreender o belo e arrojado trabalho do portentoso Artista que terminou com a 5.^a representação, em festa consagrada a Miguel Angelo, no «S. Carlos», em 19 de Março de 1870, tendo a élite lisbonense victoriado o compositor com palmas e poesias.

A *Crónica dos Theatros* também se occupou do *Eurico* e, numa extensa e judiciosa crítica dizia:

«É o trabalho de um mestre que sabe, mas não é o desafogo de uma alma repleta. Sente-se a mão do artista, mas não se vê o homem».

As poucas récitas do *Eurico* no S. Carlos descoroçoaram bastante o seu compositor; e até Herculano, no seu refúgio de Vale de Lobos, não ficou

estranho ao acontecimento, como pode verificar-se pela carta que então escreveu a Bulhão Pato e vamos transcrever na íntegra, do livro *Bustos e Medalhas*, do nosso sempre saudoso amigo Júlio Brandão, onde foi publicada como inédita :

« Homem Pato ou Pato homem :

As cartas embrulhadas no sobrescrito em branco pode entregá-las ao F. de los Rios, dizendo-lhe que eu lhe pedi para entregar isso receando que se perdessem no correio.

Quanto ao *Eurico* pouco me admira caísse, combinando o que me escrevem com o que leio nos jornais. Concluo de tudo que o rapaz pode vir a fazer alguma coisa, e que as causas da queda foram duas: 1.^a inexperiência do teatro no compositor e no libretista: 2.^a má execução dos artistas.

Não escrevo mais, porque o demónio do reumatismo me está apoquentando muito o braço com que escrevo.

V. de L. 1 Março
1870.

Am.º
Herculano ».

Não sabemos o que Herculano teria dito a Miguel Angelo e a Pedro de Lima; mas a sua opinião, particularmente manifestada a Bulhão Pato, traduz a verdade: é de Mestre — e os dois artistas logo pensaram em modificações na estrutura da ópera extraída do *Eurico*.

Foram apenas seis as récitas do *Eurico* no « Teatro S. Carlos ». E é certo que esta ópera não constituiu um êxito, mas também não foi um fracasso. Não correspondeu ao espectacular alarde

que desde longa data à sua volta se vinha fazendo — chegando-se mesmo, arrojadamente, a igualá-la às melhores produções de Wagner —, mas, ainda assim, tanto o público ilustrado como a crítica conscienciosa reconheceram que no *Eurico* havia, de facto, alguma coisa assombrosamente original e superiormente bela. No todo não estava impe-cável: carecia de modificações em alguns pontos, eliminando-lhe umas pequenas asperezas e a monotonía de uma ou outra cena. Deste modo se pronunciaram os críticos — e foi, também, a opinião de Herculano.

Miguel Angelo prestara atenção aos justos reparos da crítica e, regressando ao Porto, logo se entregou ardentemente à delicada tarefa de modificar o *Eurico*, ficando condensada em três actos a ópera que inicialmente constava de quatro. Miguel Angelo trabalhara apaixonadamente, e só ao fim de alguns meses, quando ante a sua consciência de artista viu a ópera isenta da última e insignificante aspereza, se mostrou empenhado em apresentá-la ao público portuense, considerando-a digna de ombrear com as melhores produções dos grandes compositores estrangeiros: — incólume à crítica malévola e sobranceira a todas as invejas e a todos os despeitos!...

A Fonseca Pascoal, empresário do «Teatro de S. João», manifestara Miguel Angelo o desejo de apresentar em público a sua ópera; e, como reflexo dessa diligência, em 20 de Setembro de 1871 noticiavam os jornais que o *Eurico* seria cantado no «Teatro de S. João» na próxima época lírica. Volvidas três semanas já a Imprensa registava o nome de

todos os artistas da companhia italiana escriturada pelo sr. António Fonseca Pascoal para o «Teatro de S. João», sendo maestros ensaiadores e directores Carlo Lovati, Cazzulani, José Cândido e Miguel Angelo — e sendo o *Eurico* uma das óperas anunciadas no cartaz.

Fora, porém, verbal o contrato estabelecido entre o compositor do *Eurico* e o empresário Pascoal; e este, iniciada a temporada lírica com êxitos muito medíocres, por motivos pouco compreensíveis não se mostrava disposto a satisfazer o compromisso tomado com Miguel Angelo, dando lugar a rumores de que a ópera do artista «portuense» não seria representada. Miguel Angelo começava a duvidar



Maestro José Cândido

do antipático propósito do sr. Fonseca Pascoal, mas continuava a exercer o seu notável cargo no «Teatro de S. João», e foi brilhantíssima a sua participação na festa ali efectuada em benefício de Carolina Falco, no dia 20 de Dezembro de 1871.

Os rumores de que o *Eurico* já não seria cantado na época lírica de 1871-72 acentuaram-se, e Miguel Angelo, algo inquieto, mandou ao empresário a seguinte carta:

« Amigo Pascoal :

Apesar de prometida ao público e de ajustadas verbalmente as condições em que a minha ópera *Eurico* deve subir à cena, rumoreja por aí que ela não será representada na presente estação lírica. Ora, como o resultado de tais rumores não é muito lisongeiro para os créditos da tua empresa, peço-te que me respondas já se sim ou não são bem fundamentados : e no caso de negativa, da tua lealdade espero, que prefixes a récita, de entre as que são de obrigação para com o governo, em que cumprirás a promessa feita ao público e a mim.

Seja qual for a tua resposta espero que me concedas a permissão de a publicar junta à presente.

Sou, teu amigo e obrigado,

Miguel Angelo ».

Porto, 2 de Janeiro de 1872.

Tendo urgência em obter a resposta pedida, Miguel Angelo foi, no dia seguinte, ao escritório da empresa do «Teatro de S. João» procurá-la; Domingos Pascoal foi quem o atendeu, e, em nome do empresário, seu irmão, expôs-lhe a situação financeiramente embaraçosa da empresa e, sem dar uma clara satisfação acerca do *Eurico*, ainda convidou o talentoso Artista a concordar com uma redução no seu ordenado como maestro da companhia!...

Miguel Angelo ficou entristecido e revoltado com a deplorável atitude do sr. Pascoal, e logo no dia 8 de Janeiro mandou para a Imprensa um extenso *Comunicado*, elucidando o público e expondo as suas razões — mas admitindo ainda a hipótese do empresário Pascoal, num rebate de consciência, se resolver levar à cena o *Eurico*. Estava anunciada a visita ao Porto, para breve, do imperador do Brasil, e Miguel Angelo ambicionava que o

ilustre visitante, seu antigo protector, assistisse a uma récita da sua  pera. Este seu desejo ficou n tidamente expresso no aludido *Comunicado* — documento curioso de que transcrevemos alguns períodos :

“... Seja porém como Deus quizer, aguardo sem impaciência qualquer resposta que o sr. Pascoal queira dar-me. Se algum interesse posso ter na representa o do *Eurico*, na presente esta o lírica, esse   o sagrado interesse da gratidão.

Eu explico o meu pensamento.

Vem a  o imperador do Brasil, que mais altamente colocado na hierarquia social, creio eu, do que certos altíssimos figur es da nossa terra, não se dedignou de pôr os olhos da imperial majestade na criança que a hospitaleira terra de Santa Cruz recebia festivamente e com extremos de protec o.

Primeiro na protec o às belas artes e boas letras, mormente se se trata de artistas ou literatos portugueses, sua majestade o imperador honrara na minha pessoa a cidade do Porto, de quem me prezo de ser filho, nomeando-me organista da sua imperial capela, e facilitando-me indirectamente os meios de estudar os segredos da arte que cultivo.

Parecia-me pois que esta invicta cidade e eu nos honr r amos mostrando ao nosso augusto hóspede que não perdera toda a boa e valiosa protec o com que se dignara amparar os primeiros passos da minha carreira artística ».



Carolina Falco

O empresário sr. Pascoal, infelizmente não soube ou não quis fazer a devida justiça ao altíssimo valor de Miguel Angelo, e este, ferido no seu orgulho de artista, abandonou o empresário que agira de modo a cercear-lhe a glória.

Alguns dias depois, quebradas as suas relações com o empresário do «Teatro de S. João», Miguel Angelo reunia vários artistas e literatos e dava-lhes a conhecer o valor da sua ópera. Todos ficaram com uma agradabilíssima impressão do *Eurico*, e logo no dia seguinte (16 de Janeiro de 1872) o jornalista e dramaturgo Borges de Avelar publicava no *Diário da Tarde* um artigo altamente honroso para o jovem e arrojado compositor. Desse artigo extratamos as seguintes linhas:

«... O distinto maestro ergueu-se a toda a altura do seu incontestável génio musical, e produziu uma jóia de subidíssimo quilate, que o põe de par com os compositores mais notáveis da moderna pleíade.

Concepção elevada, desenho correcto e profundo dos caracteres, jogo de affectos os mais veementes, melodia suavíssima, e acima de tudo isto uma individualidade pertinaz a dominar todo aquele quadro».

*

No dia 1 de Março chegou ao Porto o imperador do Brasil, e Miguel Angelo sentiu imenso desgosto por não poder patentear ao illustre visitante as sublimes concepções do seu *Eurico*. No dia seguinte D. Pedro II evidenciando a sua grande devoção às Letras, ia a S. Lázaro visitar o Romancista Camilo Castelo Branco e o Poeta Guilherme Braga. Poucas horas depois era Miguel

Angelo quem visitava o seu antigo protector e lhe oferecia uma esplêndida marcha triunfal. O illustre imperador logo reconheceu o distinto organista da sua capela, e com ele conversou affectuosamente, pedindo-lhe informações acerca do *Eurico*.

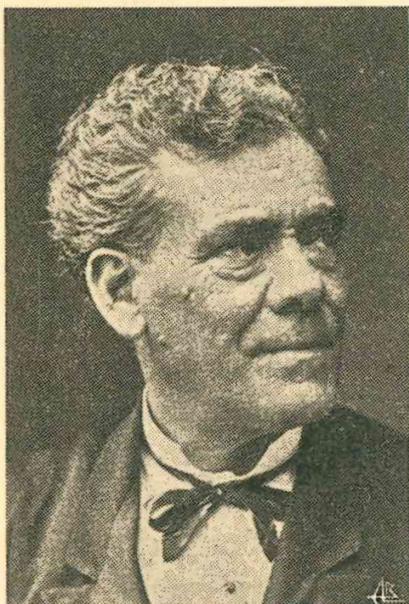
Aproximava-se a Primavera de 1872, e Ciríaco de Cardoso, que estava na primavera da vida e cheio de talento, resolveu fazer uma digressão ao Brasil e, para tal fim, em 17 de Março efectuou um grande concerto, despedindo-se do público portuense. O compositor do *Eurico* associou-se à festa do seu fraternal camarada, e «foi inexcedível de correcção e bravura na brilhante fantasia sobre *A Filha do Regimento*, de Herz».

O alarde da ida ao Brasil do jovem artista Ciríaco de Cardoso despertou em Miguel Angelo o desejo de acompanhar o seu devotado camarada; — e, embora não revelasse o seu intento, a breve trecho decidiu a realização do seu desejo. Então efectuou em 10 de Abril uma brilhante festa no «Teatro de S. João», sendo coadjuvado por Nicolau Ribas, Artur Ferreira, Stoffel, Moreira de Sá, Ciríaco de Cardoso, e também pelo consagrado actor Taborda, sendo executados alguns trechos do *Eurico*. Quatro dias depois voltou a exhibir-se no mesmo teatro, abrilhantando a festa do seu discípulo Moreira de Sá, deleitando o público com algumas das melhores composições da sua magnífica ópera.

Todas as partituras do *Eurico*, executadas no «Teatro de S. João», foram entusiásticamente aplaudidas, e logo os jornais anunciaram que esses trechos musicais estavam a ser impressos. Decor-

ridas poucas semanas já a Imprensa do Porto e da capital anunciava a breve partida dos dois distintos músicos portugueses para a pátria do laureado compositor do *Guarany*. Foi dada a notícia quando já eles se encontravam em Lisboa, e foi no *Diário da*

Tarde de 6 de Maio que apareceu a seguinte notícia, cujo laconismo velava a saudade do noticiarista pelo afastamento dos valerosos artistas:



Francisco Alves da Silva Taborda

«Partem num dos próximos paquetes, em direcção ao Rio de Janeiro, os festejados artistas portuenses Miguel Angelo e Ciríaco de Cardoso, no propósito de darem ali alguns concertos».

Na capital, enquanto aguardavam a partida do navio, estiveram instalados no «Hotel Central»

onde numa das principais salas deram um concerto dias antes de saírem da terra lusa.

No Brasil foi Miguel Angelo encontrar-se com Artur Napoleão que lhe deu preciosas informações acerca da obra originalíssima do genial e malogrado Gottschalk de quem fora amigo e grande admirador. Desta vez Miguel Angelo não se aquietara em terras de Santa Cruz, onde se manteve apenas três meses, voltando para Portugal em meados de Setembro sem esperar pelo camarada Ciríaco de Cardoso. Não há dúvida de que tão rápido regresso à Pátria

fora motivado pelo desejo premente e aliciante de assombrar o público portuense com o *Eurico*, convicto de que na época lírica de 1872-73 seriam vencidas todas as dificuldades. Infelizmente mais uma vez se enganava; incompreensões e despeitos voltavam a tolher a sua legítima ambição de artista, — e o Porto continuaria a conhecer apenas alguns trechos da já famosa ópera.

*

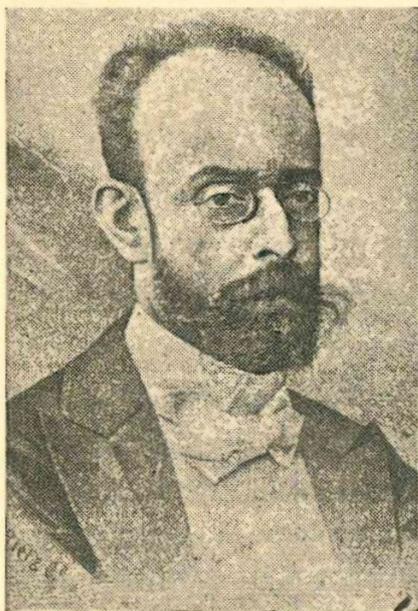
O compositor do *Eurico* reagia corajosamente à adversidade, plenamente convicto no triunfo e na glória. Trabalhava incessantemente; e em 15 de Abril de 1873 Borges de Avelar fazia-lhe merecida justiça nas colunas do *Diário da Tarde*, numa crónica titulada *Gottschalk e Miguel Angelo*, aludindo à obra do genial e extravagante artista americano que morreu precocemente e todos pensaram que com ele também morrera a sua melhor obra, pois não acreditavam que fosse possível, jãmais, interpretá-la condignamente — tal era a poderosa magia de tão caprichosa e opulenta orquestração. Na citada crónica do *Diário da Tarde* Borges de Avelar asseverou com evidente regosijo:

«Pois isso que os melhores professores não conseguiram, obteve-o, alcançou-o com o mais feliz resultado o nosso distinto conterrâneo Miguel Angelo.

A *manière* brilhante, vertiginosa, originalíssima de Gottschalk não morreu, pois, com ele; redivive em uma das nossas primeiras glórias artísticas, o autor do *Eurico*».

Dois dias depois do aparecimento desta honrosa apreciação efectuava Miguel Angelo no «Tea-

tro de S. João» — com a colaboração de Marques Pinto, Nicolau Ribas, Moreira de Sá, Carolina Falco e César de Lacerda — um sarau lírico-dramá-



Bernardo Valentim Moreira de Sá

tico, provando vantajosamente ao público portuense que foram bem merecidas as honrosas referências do abalisado crítico. Decorridas algumas semanas (10 de Maio de 1873) efectuava Moreira de Sá um concerto no «Teatro de S. João», sendo abrilhantado por Miguel Angelo que executou ao piano o trémulo de Gottschalk.

Volvidos alguns meses ia, finalmente, tornar-se realidade a grande aspiração de Miguel Angelo. Em 7 de Outubro de 1873 a empresa do «Teatro de S. João» anunciava o *Eurico*, entre as óperas do seu repertório na próxima época lírica; e nove dias depois lia-se no *Diário da Tarde*:

«Deve ser hoje assinada a escritura entre o empresário do «Teatro de S. João», o sr. Eduardo Viana, e o distinto maestro Miguel Angelo, para a representação da ópera *Eurico*.

Acham-se, pois, removidos os estorvos que há quatro anos consecutivos tem sequestrado o público portuense ao prazer de ouvir aquela soberba partitura ».

O noticiarista terminava a local dando parabéns ao maestro e ao empresário. E Miguel Angelo, que já tarde fora para a praia retemperar-se da fadiga, regressou da Foz quase nos fins de Outubro para dar início aos ensaios do *Eurico* que, aqui no Porto, teve a sua estreia em 17 de Janeiro de 1874, constituindo extraordinário sucesso. A segunda récita teve lugar no dia seguinte, e foi um novo triunfo, pois todo o Porto intelectual e amante da boa música aplaudiu freneticamente o talentoso compositor. A terceira récita efectuou-se no dia 20 de Janeiro, continuando Miguel Angelo a ser muito aplaudido; mas, quase no fim do espectáculo, um pequeno grupo de adversários do autor do *Eurico* e de toda a falange artística que o aclamava, não podendo recalcar o despeito pela glória do compositor, vingou-se pateando. O acto foi deveras condenável, pois deu lugar a uma troca de murros e motivou a prisão de um dos pateantes. Repetiu-se o *Eurico* em 22 do citado mês de Janeiro, mas, felizmente, não se repetiram as desagradabilíssimas cenas verificadas na terceira récita, sendo Miguel Angelo alvo de entusiásticas ovações. Porém a glorificação do brilhante compositor «portuense» teve lugar na quinta récita do *Eurico* na noite de 24 de Janeiro de 1874. Então sim, foi a apoteose de Miguel Angelo: aplausos delirantes, dezenas de valiosos presentes, — e muitas poesias enaltecendo o genial compositor!... São excelentes os versos recitados nessa memorável festa pelos poetas Vieira de Andrade, Henrique Marinho, Oliveira Matos, etc., mas é verdadeiramente sublime a poesia que o excelso cantor das *Heras e Violetas*,

de um camarote de 2.^a ordem, disse com o mago entono dos iluminados. Essa poesia aqui a reproduzimos, pois a consideramos o mais valioso trofeu do compositor do *Eurico*:

A MIGUEL ANGELO

*A vasta inspiração do génio soberano
Que, em face às multidões, abrasa o génio teu,
É viva como o sol, grande como o oceano,
Sublime como a luz, profunda como o céu!*

*Pulula-te no crâneo a ideia, a forma austera,
Que s'expande depois nuns turbilhões febris,
Como a fervente lava irrompe da cratera!
Como a espuma se arroja aos negros alcantís!*

*Do triste cismador dos ermos de Carteia,
Cinzelara Herculano a estátua colossal,
Drama que assombra a História, o Cântico, a Epopeia!
Mixto d'inferno e céu! foco do bem e do mal! ...*

*D'Eurico a imensa dor tu viste-la de perto! ...
Desceste àquele abismo a aprofundar-lhe o horror,
E a gente ouve rugir os ventos do deserto
Na voz que deu à estátua o audaz compositor!*

*Uma cidade inteira, artista, e que cidade!
Te vem poisar na fronte a c'roa triunfal!
Lê-se nos seus brasões: « Trabalho e Liberdade! »
Folga, anima-te, exulta, espírito imortal!*

*Dás glória ao teu país! por entre os portugueses
Não podias passar desconhecido e só!
Perdoa a afronta vã que te assaltou por vezes:
— Sombra, que em sombras jaz! pó que volveu ao pó!*

*Quem não há-de sentir orgulho de saudar-te
No ardente frenesi d'esplêndida ovação,
Se tens escritos n'alma os Evangelhos d'Arte?
Se tu nasceste aqui? Se tu és nosso irmão?*

GUILHERME BRAGA.

A quinta récita do *Eurico*, em 24 de Janeiro de 1874, foi um acontecimento artístico duma grandeza até então nunca verificada. Foi, sem dúvida, a mais completa glorificação de Miguel Angelo; aquela frígida noite de inverno foi, para ele, a mais cálida e deslumbrante aurora!... Disse, algures, Guerra Junqueiro:

«Na Arte a única tinta indelével é aquela com que o dr. Fausto firmou o contrato com o diabo — sangue».

Pois também o *Eurico* fora escrito com o sangue moço do portentoso artista, em momentos de inspiração divina e, por isso, abriu-lhe os encantados pórticos da imortalidade!...

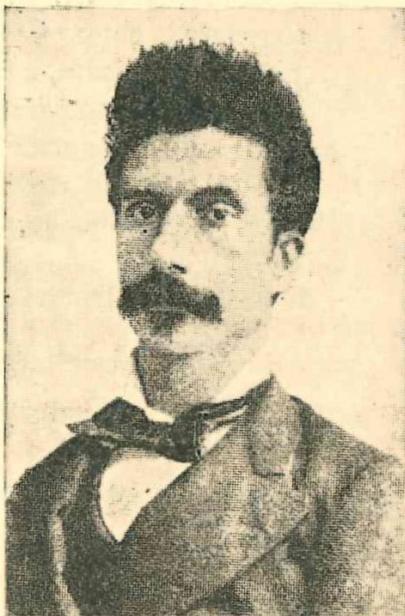
A entusiástica ovação a Miguel Angelo, em 24 de Janeiro de 1874, indemnizou bem o genial Artista dos muitos dissabores que os seus adversários lhe haviam causado. E a retumbância daquela incomparável apoteose — assim como o estridor da maldosa pateada (apenas em duas récitas) — ainda por muito tempo, nas colunas da Imprensa, haviam de impressionar a opinião pública.

No *Diário da Tarde* publicou Borges de Avelar, em cinco extensos folhetins, um notável estudo acerca da famosa ópera do festejado maestro «portuense»; e no mesmo aguerrido jornal também Urbano Loureiro exaltou calorosamente o compositor do *Eurico*, e com a sua ironia trocista e assaz contundente vergastou os plumitivos que pretendiam continuar nas gazetas o maléfico estridor da pateada com que notòriamente se identificaram nas primeiras récitas do *Eurico*. O temível fundibulá-

rio atacou com rara violência os inimigos do laureado compositor, que — dizia ele — « apenas serviriam para espesinhar o talento com a mesma firmeza de convicções com que um cerdo afocinaria um colar de finíssimas pérolas que lhe estivesse ao alcance da tromba »!... E, acalentando Miguel Angelo, dizia mais, em referência aos cavalheiros que menosprezavam o talentoso maestro: « são as rãs desprezíveis buscando sujar a superfície quieta, serena e azulada da tua consciência de lutador vitorioso! Não te queixes por isso; o melhor aço tempera-se na água mais imunda — e eles são a água... ».

Conceituoso estudo crítico do *Eurico* publicou Moreira de Sá no primeiro número do semanário *O Club*, que nesta cidade apareceu em 25 de Janeiro de 1874. E em opúsculo de boa apresentação gráfica publicou Joaquim de Vasconcelos a *Análise do Eurico*, que foi pelo crítico e pelo notável editor Anselmo de Moraes oferecido a Miguel Angelo no dia da sua festa.

O principal adversário do compositor do *Eurico* foi o jovem alferes João Munhoz que, tendo pateado no « S. João » o grande Artista, continuou a deprimir-lhe a obra nas colunas do *Jornal do Porto*, e



Joaquim de Vasconcelos

Des. de Rafael Bordalo Pinheiro.

nos periódicos da capital *Diário Ilustrado* e *Revista dos Teatros*, ocultando-se com os pseudónimos de « Fábio » e « Vasco de Saavedra ».

Também Silva Pinto saíu a terreiro, esgrimindo com o moço alferes e com Gervásio Lobato. O prélio ia aumentando, tornando-se desprimoroso e susceptível de consequências funestas. Desde 23 de Janeiro até 10 de Fevereiro o *Diário da Tarde* inseriu, consecutivamente, o seguinte :

É D I T O S

« Por tempo de 30 dias a contar da presente data, é convidado o sr. J. Munhoz, folhetinista musical do *Jornal do Porto* e crítico desapiedado da ópera *Eurico* do maestro Miguel Angelo, a apresentar em público e letra redonda os documentos comprovativos dos muitos *erros e imperfeições* que encontrou na referida ópera, segundo declara no seu folhetim de 22 do corrente no mesmo *Jornal do Porto*; sob pena de, não o fazendo, lhe ser passada em julgado carta de imbecil, petulante e mexeriqueiro, que anda metendo o nariz... onde não é chamado.

Porto, 23 de Janeiro de 1874 ».

*

Miguel Angelo mostrara-se, de princípio, indiferente aos agravos da crítica desprimorosa e falha de competência; e, sensibilizado pelos bem merecidos louros com que a grande pleiade de artistas portuenses lhe enramara a frente, em 28 de Janeiro mandou para a Imprensa uma carta confessando-se desvanecido pelos calorosos aplausos que o público portuense havia dispensado ao seu *Eurico*. Dessa carta, bastante extensa e muito interessante, justo nos parece extratar dois períodos, nos quais o Ar-

tista mais uma vez se confessa portuense e manifesta orgulhosa consolação pelo elevado sentimento bairristico com que a invicta cidade devotadamente amerceia os filhos illustres :

« Feliz de mim, que ao fim de tantos anos de muito trabalho e bastantes lutas, vejo premiados os meus esforços de artista, com tanto amor e tanta generosidade !

Esforçar-me-ei para que não seja estéril a terra em que os portuenses, meus conterrâneos, semearam pródigos as suas flores, as suas palmas e as suas corôas, compulsando novos livros, indagando de novos mestres, trabalhando sempre ».

O litígio na Imprensa, provocado por João Munhoz e Gervásio Lobato, acerca dos *erros e imperfeições* da aplaudida ópera, tomou, rapidamente, proporções assaz desagradáveis... e, para evitar consequências ainda mais lastimosas, foi constituída uma comissão para solucionar, tão honrosamente quanto possível, a desagradável e pernicioso contenda. Assim, feitas as necessárias diligências, logo em 12 de Fevereiro a aludida comissão, da qual fazia parte o brilhante jornalista João de Oliveira Ramos, fez publicar na Imprensa uma comunicação ao público, dando como terminada a contenda, visto Miguel Angelo « retirar as expressões insultuosas que dirigiu a João Munhoz, e o jovem militar e crítico musical declarar « que só a precipitação do momento é que o levou a exagerar os factos que se deram na representação do *Eurico* ».

Assim terminaram, em Portugal, as ruidosas manifestações de aplauso e desagrado à ópera que immortalizou o talentoso maestro « portuense », — e dizemos em Portugal, porque do lado de lá do

Atlântico, quatro anos depois, manifestações de certo modo semelhantes explodiram com o barulhento fragor do despeito e com as calorosas palmas com que o público, nos raros momentos de êxtase e delírio, costuma divinizar os artistas de génio!...

Depois do triunfo alcançado com o *Eurico*, Miguel Angelo devotou-se à formação da « Sociedade de quartetos » — agrupamento artístico que honrou a cidade e deleitou todos quantos prestavam culto à arte musical. Após algumas reuniões preparatórias, em 1 de Maio ficou definitivamente constituída a « Sociedade de quartetos » que, decorridos alguns dias, fazia publicar nos diários portuenses o programa que se propunha efectivar, bem como os motivos culturais que animaram a sua formação, sendo signatários deste documento os artistas Miguel Angelo, Nicolau Medina Ribas, Bernardo Moreira de Sá, Augusto Marques Pinto e Joaquim Casella.

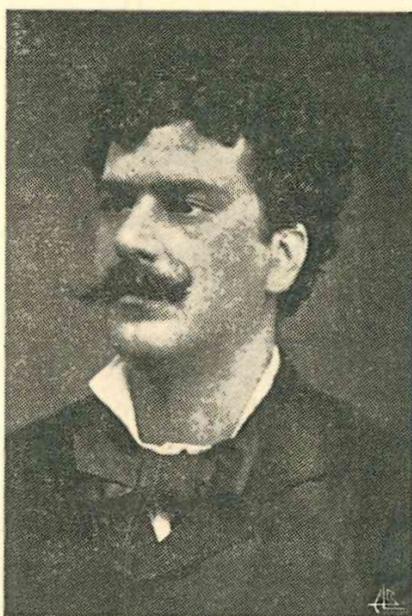
O primeiro concerto da esperançosa « Sociedade de quartetos » teve lugar no « Teatro de S. João » em 10 de Junho de 1874, e o quarto efectuou-se em 24 do citado mês, sendo em todos os espectáculos extraordinariamente aplaudido o festejado compositor do *Eurico*.

Ao « Teatro Gil Vicente » (no Palácio de Cristal) foi Miguel Angelo em 30 de Junho coadjuvar Joaquim Casella na grande festa que o notável violoncelista ali efectuou e na qual também tomaram parte Marques Pinto, Nicolau Ribas, Artur Ferreira, o visconde Alfredo Allen, — e ainda Carlota Veloso e Emílio Salazar que desempenharam com grande mérito a comédia *Pragas do Capitão*.

Volvidos poucos dias (4 de Junho de 1874) mais uma vez Miguel Angelo evidenciava o seu talento e o seu sentimento de fraternidade, tomando parte no espectáculo efectuado no « Baquet » em benefício do actor Faustino, sendo entusiásticamente aplaudido; e decorridos mais quinze dias novamente se via ovacionado no « Teatro de S. João » pelo numeroso público que fora assistir à última sessão da « Sociedade de quartetos ».

Foi satisfatório o êxito da « Sociedade de quartetos », e os fundadores deste areópago musical, de que Miguel Angelo foi principal animador, em 24 de Julho publicaram nos jornais uma carta agradecendo ao público as muitas atenções que haviam recebido.

Após esta exaustiva actividade, quando a sua obra já o fazia lembrado por toda a parte em que a música estava presente, Miguel Angelo parece ter sentido necessidade de repouso: — para, depois, se entregar à congeminação de trabalhos perenes de originalidade e assombro. E tão apaixonadamente se prendeu às suas lucubrações de artista que, em 1875, ao ser muito instado para musicar a opereta *Na Lua*, acabou por aceitar, mas não pôde dispensar a este medíocre trabalho de Manuel Maria



Rafael Bordalo Pinheiro

Rodrigues os cuidados que os seus elevados créditos de compositor lhe impunham, e fez, como é hábito dizer-se, obra sobre os joelhos; mas, conhecendo bem o pouco valor do trabalho apressadamente realizado, quando a malfadada peça entrou em ensaios no « Príncipe Real », teve cuidado em determinar que o seu nome não fosse anunciado como musicógrafo da opereta. Não foi, porém, suficiente a prudência do maestro, pois quinze dias antes da peça subir à cena já dos bastidores do jornalismo o segredo passara a ser conhecido do público que, por tal motivo, aguardava impaciente o novo trabalho do famoso compositor do *Eurico* — que antecipadamente, prematuramente, deu fama à nova peça do jovem comediógrafo, que um ano antes obtivera relativo êxito com *O Xá em Pancas*.

A estreia da opereta *Na Lua* efectuou-se em 29 de Junho de 1875, e foi o maior fiasco verificado num teatro portuense, pois o público, após uma pateada longa e tumultuosa, chegando a partir algumas cadeiras, abandonou o teatro — e os artistas, fundamente desgostosos, já não chegaram a representar o último acto desta malfadada peça que jamais voltou à cena! . . . Miguel Angelo, que quisera colaborar anònimamente e não esperava alcançar louros do aleatório triunfo da opereta *Na Lua*, algo sofreu com o desaire, pois os seus adversários aproveitaram-se do facto para apoucar o talento e ofuscar a glória do Artista.

No decorrer de 1876 e 1877, Miguel Angelo apresentou alguns trabalhos e, também, algumas vezes apareceu em público, sendo alvo de ovações. Mas, então, começou a sentir-se empolgado por um



Alegoria ao triunfo de Miguel Angelo no Brasil

Página do «Besouro», de Rafael Bordalo Pinheiro.

aliciante desejo que se sobrepunha a todos os êxitos já alcançados e se tornara numa premente obsessão: — fazer representar o *Eurico* na capital do Brasil. E, para transformar o seu desejo em realidade, embarcou para a grande nação onde havia passado a sua juventude prometedora e esplendorosa. Na grande cidade fluminense foi encontrar bons amigos e admiradores que, devotamente, patrocinaram o seu desejo — mas também foi surpreendido por terríveis inimigos que fizeram tudo quanto lhes foi possível no propósito de impedir que a ópera do festejado maestro « portuense », antigo organista da capela de Sua Majestade D. Pedro II, fosse levada à cena em terras de Santa Cruz. Formaram-se, então, dois partidos: uma corrente pretendia que se representasse o *Guarany*, do brasileiro Carlos Gomes, a outra desejava o *Eurico* do nosso compatriota, e ao fim de rija polémica nos clubes e na Imprensa triunfaram os partidários de Miguel Angelo, e o *Eurico*, cantado pelo célebre tenor Francisco Tamagno, representou-se com extraordinário êxito no « Imperial Teatro D. Pedro II » (1). Cada espectáculo era um novo triunfo, e muitos dos portugueses e brasileiros que anteriormente haviam hostilizado

(1) « Presidiu à Comissão Portuguesa que promoveu a assinatura para garantir a quantia de 28.000\$000, exigida pela empresa para fazer representar o *Eurico* no Rio de Janeiro, o Ex.^{mo} Sr. comendador António Joaquim Coelho, a cuja filha, Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita Emília da Silveira ofereceu Miguel Angelo a sua valsa — *Redemoínho*, e vice-presidiu o Sr. Augusto Pinto Caim, sendo a sua esposa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Júlia Joaquina Machado Caim oferecida a composição *Num baile* ». — Joaquim Leitão — *Deuses do Lar*, pág. 100.

Miguel Angelo, passaram a aplaudir fervorosamente o Artista triunfante!... Foi assombroso o êxito do *Eurico*, e a apoteose do compositor verificou-se na récita de 6 de Novembro de 1878, saindo Miguel Angelo do teatro aos ombros do público e sob uma chuva de flores!...

O mais devotado defensor de Miguel Angelo no Rio de Janeiro, na grande campanha motivada pelo *Eurico*, foi o genial artista Rafael Bordalo Pinheiro, que ali se encontrava desde Setembro de 1875 e que nas páginas do *Besouro*, jornal ilustrado, humorístico e satírico, cujo primeiro número appareceu em 6 de Abril de 1878, exaltou ardorosamente o Artista seu compatriota, — e com tão indómita violência ridicularizou os adversários, que estes, enfurecidos, «chegaram a armar o braço de um *capoeira* para uma facada nocturna, felizmente sem consequências graves» (1).

Os ecos da calorosa ovação a Miguel Angelo no Rio de Janeiro depressa chegaram à Pátria lusa, e a nossa Imprensa registou o honroso acontecimento com vivo regosijo. No *Ocidente*, de 1 de Dezembro de 1878, Guilherme de Azevedo fechava a sua tão apreciada *Crónica ocidental* com os belos períodos que vamos transcrever:

«No momento em que hoje me dispunha a colocar o consolador ponto final no fim da crónica, chega-me a visita de um peregrino illustre que, não obstante ter caminhado mais de mil léguas, vem tão cansado como se viesse ali da Rua Nova do Carmo, e tão alegre como se

(1) Manuel de Sousa Pinto — *Rafael Bordalo Pinheiro*, pág. LXV.



Guilherme de Azevedo.

Des. de Rafael Bordalo Pinheiro.

acabasse de um bom cavaco de amigos. Infelizmente, em vez de chegar em pessoa, simplesmente chega em espírito. É Rafael Bordalo Pinheiro, meus caros leitores, o caricaturista supremo do *Calcanhar d'Aquiles* e da *Lanterna Mágica*, uma das mais poderosas organizações artísticas de que eu tenho notícia, e que prossegue na sua missão civilizadora, fazendo a fotografia dos casos e a caricatura dos ridículos que deslisam pela Rua do Ouvidor, com a mesma graça excepcional com que a fazia há três anos dos casos que a deslisavam pelo Chiado.

No número do *Besouro* que eu contemplo agora, deparo com muitas fisionomias conhecidas.

O maestro Noronha; o dr. Zeferino Cândido, fazendo uma conferência sobre o método de João de Deus em frente do imperador do Brasil; o maestro Miguel Angelo, autor do *Eurico*, profundo músico português, aparando na couraça invulnerável da sua grande sobrecasaca os golpes que a crítica joga à sua partitura querida; tanta gente nossa, enfim, que este caso me faz pensar numa coisa: se daqui a alguns anos mais, no país da fresca laranjeira as laranjas terão de apodrecer por já não haver cá quem as coma!...».

Algo se enganou o cintilante cronista, pois poucos meses volvidos Miguel Angelo e Rafael Bordalo Pinheiro regressavam à Pátria, — e o caricaturista, fundando o *António Maria* em 12 de Junho de 1879, novamente acamaradou com o poeta da *Alma Nova*, seu antigo companheiro na famosa *Lanterna Mágica*.

Foi grande a apoteose de Miguel Angelo no Rio de Janeiro; mas o certo é que o seu espectacular triunfo não foi grato para todos, pois os despeitados e os invejosos — mormente os mais fanáticos — continuaram a malquistar o grande Músico português, convictos de que os seus insolentes ataques fariam emurcheçar rapidamente as viçosas flores com que o público fluminense (portugueses e brasileiros) lhe engrinaldrou a frente em 6 de Novembro de 1878. Entendemos que é desnecessário e inútil citar nomes e fazer comentários, pois Rafael Bordalo Pinheiro tomou à sua conta os zoilos em questão e, pendurando-os nas colunas do *Besouro*, deixou-os expostos à irrisão pública. No entanto não deixamos de arquivar um registo que da ópera *Eurico* deixou o famoso pianista Artur Napoleão:

«A ópera não agradou, embora na noite do seu benefício houvesse presentes e flores abundantes, para o que eu concorri.

«Entre nós há uma espécie de monomania pela produção de óperas. Quando me falaram em escrever uma, respondi que — fazer obra simplesmente para ser aplaudida por compatriotas não me convinha; destiná-la a estranhos, a correr mundo, não cabia nas minhas forças.

«E, no entanto, escrevi duas que depois de terminadas rasguei.

«A ópera é género muito difícil. Por cada centena de óperas assim chamadas, que em cada meio ano se produzem em Itália, só meia dúzia chegará à luz da rampa » (1).

Assim se pronunciou Artur Napoleão, que era portuense e muitas vezes acamaradara fraternal-

(1) Visconde de Sanches Frias — *Artur Napoleão*, pág. 247.

mente com Miguel Angelo; mas devemos ter em conta o facto de ter sido Artur Napoleão quem muito se opôs a que o *Eurico* fosse preferido ao *Guarany*, e que só depois, ao verificar o triunfo do seu compatriota, teve a franqueza de correr para ele, abraçando-o e tentando levantá-lo ao colo — mas, como era franzino e Miguel Angelo bastante pesado, não pôde realizar o seu desejo e exclamou:

« — Eu não posso contigo! . . . ».

« — Mas contigo posso eu! . . . » — disse Miguel Angelo, que imediatamente e sem esforço levantou Artur Napoleão.

Esta expressão de Miguel Angelo: — *contigo posso eu* —, que talvez não envolvesse a mais leve sombra de ironia, feriu fundamente Artur Napoleão que, sentindo-se humilhado, jamais estimou o camarada triunfante.

Quando Miguel Angelo regressou à Pátria, cheio de glória e com razoáveis proventos, já aqui se fazia intensa propaganda no sentido de ser dignamente comemorado o tricentenário do genial cantor d-*Os Lusíadas*; e o Porto, mantendo as suas honrosas tradições, logo projectara uma comemoração digna da invicta cidade e, de certo modo, à altura do portentoso Êpico lusitano, sendo o festejado compositor do *Eurico* convidado para director da parte musical das esplendorosas festas camoneanas. Miguel Angelo aceitou o honroso convite e trabalhou apaixonadamente, compondo a magnífica *Cantata a Luís de Camões*, e reunindo um grande número de artistas — e a fina flor portuense — organizou um assombroso elenco de trezentos artis-

tas e amadores! Os ensaios de tão numeroso grupo coral e instrumental foram difíceis, e Miguel Angelo chegou a perder a esperança no almejado êxito do seu arrojado tentame; felizmente, graças ao seu muito saber e à sua grande tenacidade, foram vencidas todas as dificuldades, — e Ciríaco de Cardoso que, depois de alguns anos ausente da Pátria, vindo de Paris chegou ao Porto em 17 de Maio, muito o auxiliou nessa árdua e delicada tarefa, « encarregando-se da batuta das bandas ». Assim, conforme vinha sendo anunciado na Imprensa, em 10 de Junho de 1880 efectuou-se no Palácio de Cristal « o mais grandioso festival que se tem realizado nesta cidade » (1).

Chegou a dizer-se que Miguel Angelo também fora encarregado de escrever a música para um drama (*Camões*) de Cipriano Jardim, que seria representado no Teatro do Palácio de Cristal e chegou a figurar no reportório das citadas festas camoneanas. Sabemos, porém, que tal drama não chegou a representar-se no Porto por essa ocasião, e cremos que Miguel Angelo também não deu início a qualquer composição musical para o drama de Cipriano Jardim, que por motivos tornados públicos foi substituído no programa das festas do Palácio de Cristal por uma ópera estrangeira.

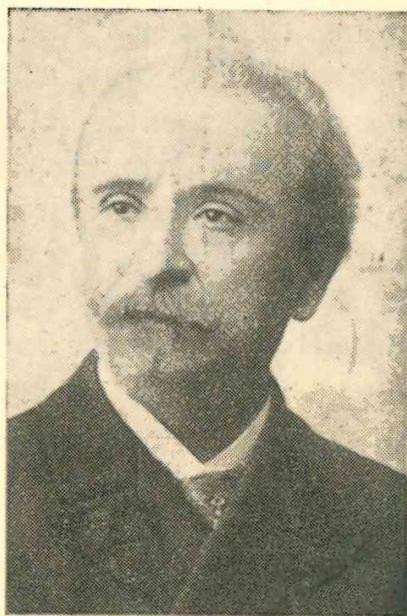
Além da *Cantata a Luís de Camões*, que é na opinião de Moreira de Sá « a obra-prima de Miguel Angelo » — e que, segundo afirmou Joaquim Leitão,

(1) Foi esta a opinião de Moreira de Sá quando, já volvidos muitos anos, recordou o grandioso acontecimento artístico em que muito activamente se esforçara, dirigindo a parte coral.

« tem tal grandiosidade que dir-se-ia sonhada não para ser, como foi, cantada no Palácio de Cristal por uma massa coral de duzentas vozes, mas para ser entoada do alto dos Montes Hermínios, por toda a Pátria » — , na grande festa a que vimos aludindo, e se efectuou na nave central do Palácio, ao anoitecer de 10 de Junho de 1880, também foi magistralmente executada a marcha *Progrédior*, valiosa composição que o Artista escreveu na mocidade e à qual já fizemos referência.

Miguel Angelo, que já então se havia consorciado com D. Elvira Vidigal de Resende Pereira, via, neste mesmo ano em que a sua glória chegava à culminância, engrandecido o seu auspicioso lar com o nascimento de um filho, que também viria a ser artista, e recebeu o nome de Virgílio Angelo de Resende Pereira.

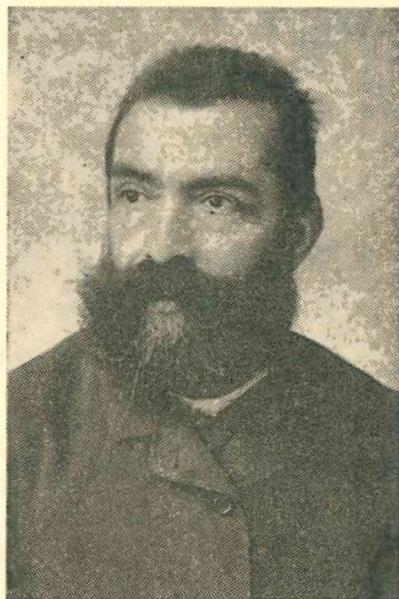
Como sempre acontecia, depois de trabalhos arrojados e exaustivos — que, felizmente, terminavam em triunfo e êpoteose ao Artista — Miguel Angelo, após as inolvidáveis festas a Camões, sentiu necessidade de repouso; contudo, nunca deixou de leccionar e, muitas vezes, nas horas de folga, quando a inspiração lhe surgia radiante, compunha trechos admiráveis que guardava para o futuro! ...



Último retrato de Miguel Angelo

O seu aparecimento em público era muito raro — e, na maior parte das vezes, verificava-se por sentimentos de fraternidade. Assim, em 31 de Maio de 1881, tomou parte no concerto que em benefício de Marques Pinto se efectuou no «Teatro de S. João»; e em 4 de Janeiro de 1882, juntamente com Nicolau Ribas e Moreira de Sá, associou-se à grande festa de Ciríaco de Cardoso, também realizada no «Teatro de S. João», sendo muito ovacionado o compositor do *Eurico* e tendo Ciríaco de Cardoso sido alvo de uma tão calorosa homenagem que muito lhe amenizou o grande desgosto que uma semana antes havia sofrido com a perda de sua extremosa mãe.

Nos primeiros dias de Fevereiro de 1882, anunciou-se que Ciríaco de Cardoso ia dar à publicidade um periódico musical, tendo, para tal fim, conseguido a valiosa colaboração de Miguel Angelo. Infelizmente, não vingou o louvável tentame do popular maestro; mas estava destinado a Miguel



João de Deus

Angelo o honroso cometimento, fazendo vir a lume, decorridos três anos, um periódico quinzenal, de música e literatura, a que deu o título de *Eurico*.

Sempre insatisfeito com o já realizado, e sempre desejoso de mais vastos conhecimentos, em 1883

empreendeu uma larga viagem pela Europa, tendo regressado ao Porto só em fins de Janeiro de 1884, depois de ter visitado em Madrid, Paris, Bruxelas, Londres e outras grandes cidades, todos os Conservatórios e todas as Academias de música, tendo frequentado, também, os mais famosos teatros e tendo conseguido amistosas e fraternas relações com as mais distintas figuras do mundo musical.

Altivo e orgulhoso, mas sempre nobre e fraternal, continuava a dar constantes provas de elevação e fraternidade, tendo em 8 de Março de 1884 tomado parte no sarau efectuado no « Príncipe Real », em benefício do aeronauta Castanet, executando com o seu discípulo Artur Ferreira um grande *duo* para dois pianos, sobre motivos da *Norma*, aplaudida obra de Talberg.

*

Miguel Angelo, que durante quatro gloriosos lustros caminhara de triunfo em triunfo, havia chegado ao zénite, e o destino, sempre caprichoso, não permitiria que o Artista fulgisse por muito tempo em tão alto e ambicionado esplendor!... Algo por culpa sua, e muito por faltas alheias, incompatibilizou-se com grande parte da valorosa falange artística portuense e, a pouco e pouco, foi ficando isolado do necessário convívio com a brilhante pleiade musical e literária. Então dera início à publicação do *Eurico*, revista quinzenal quase exclusivamente por ele colaborada, dando à estampa muitas e muito valiosas composições musicais, mas publicando também alguns artigos de crítica que mais o incompatibilizaram com distintas figuras que o Porto muito estimava. Ainda assim, o *Eurico*

foi uma publicação muito útil e assaz vantajosa, pois além de outras composições de reconhecido valor inseriu, num dos números de Maio de 1885, a esplêndida *Canção de Abril* que Miguel Angelo compusera, inspirado na poesia do mesmo título escrita pelo lírico poeta Diogo Souto. Esta deliciosa composição foi muito apreciada pela Imprensa, e teve extraordinária voga em todo o País, sendo os mimosos versos reproduzidos em vários jornais do Porto e da capital.

Desde 1885 até 1887, ainda a sua actividade foi algo fecunda e bastante notória, mesmo com projecção no estrangeiro, pois tendo enviado algumas peças ao Conservatório de Berlim elas foram altamente aquilatadas, como pode verificar-se pela honrosa carta que vamos reproduzir :

« Berlim, 27 de Outubro de 1887.

Meu prezado senhor

Teve V. a bondade de enviar-nos algumas das suas composições, mas numa ocasião em que os cursos estavam fechados e ninguém havia para lhe agradecer. Depois da minha volta, fui encarregado de lhe exprimir, em meu nome e no dos restantes membros do Directório, o maior reconhecimento pela sua oferta : e faço-o com satisfação extrema por ter a honra de assegurar-lhe que as grandes delicadezas musicais que me foram reveladas em muitas passagens ao examinar os seus trabalhos, causaram-me supremo prazer. Foram especialmente a *Berceuse*, a *Granadina* e a *Mazurka n.º 2, ré-b maior*, as que mais me impressionaram como atraentes e originalíssimas.

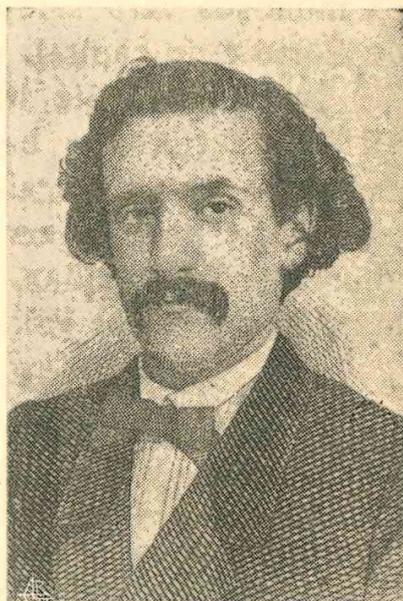
Com a maior consideração, saúdo-o, senhor, como quem é

De V. muito dedicado,
Ernesto Rudorff

(Professor e director da classe de piano
e membro do Directório).

Para Miguel Angelo, artista orgulhoso e com a consciência do seu valor, foi desvanecedora a notícia de que a sua obra havia sido admirada além-fronteiras: — justamente na pátria dos grandes Músicos! Em Portugal merecera ele a estima e admiração dos mais altos espíritos, pois o próprio João de Deus lhe manifestara o desejo de ver por ele musicada a sua poesia *Saudade* (1). Foi satisfeita a vontade do consagrado lírico, e a delicada poesia — acompanhada da música e com o título *Serenata* — foi durante largos anos cantada por todo o País.

Uma outra composição de Miguel Angelo muito apreciada foi a *Ondina*, inspirada no poema do mesmo título, inserto no livro *Solidões*, da autoria do poeta bracarense Ernesto Pinto de Almeida.



Ernesto Pinto de Almeida,
o inspirado poeta de « Solidões »

(1) « Por pedido de João de Deus, de quem tive a honra de ser intermediário, compôs a música de uma das imortais *Saudades* desse outro inspirado » — assim o disse Joaquim de Araújo, de Génova, em 1900, afirmando ser Miguel Angelo « uma das mais puras glórias de Portugal, ombreando com os mais poderosos artistas do mundo ». — Joaquim de Araújo — *Autores omitidos no volume XVII do « Dicionário Bibliográfico Português »*.

Quando em 13 de Setembro de 1888 o Ateneu Comercial do Porto prestou justíssima homenagem à memória de Herculano, foi Miguel Angelo quem se encarregou da parte musical—e tão admiravelmente se houve, que a prestigiosa instituição cultural, no livro comemorativo do 50.º aniversário da sua fundação, honrou-se em registar o facto e publicar o retrato do valoroso Artista.

Decorrido algum tempo, era Miguel Angelo convidado para musicar a *Marcha do Ódio*, versos violentíssimos do consagrado poeta Guerra Junqueiro, e para os quais Rafael Bordalo Pinheiro compôs ilustrações irónicas e causticantes. Foi a dor e o desespero de se sentirem feridos em seus nobres sentimentos de patriotismo que inspirou ao Poeta e ao Músico a *Marcha do Ódio*, largamente apreciada na Imprensa onde, por tal motivo, foram publicados os retratos de Guerra Junqueiro e Miguel Angelo (1).



Guerra Junqueiro

In «A Arte», revista
portuense de 1895

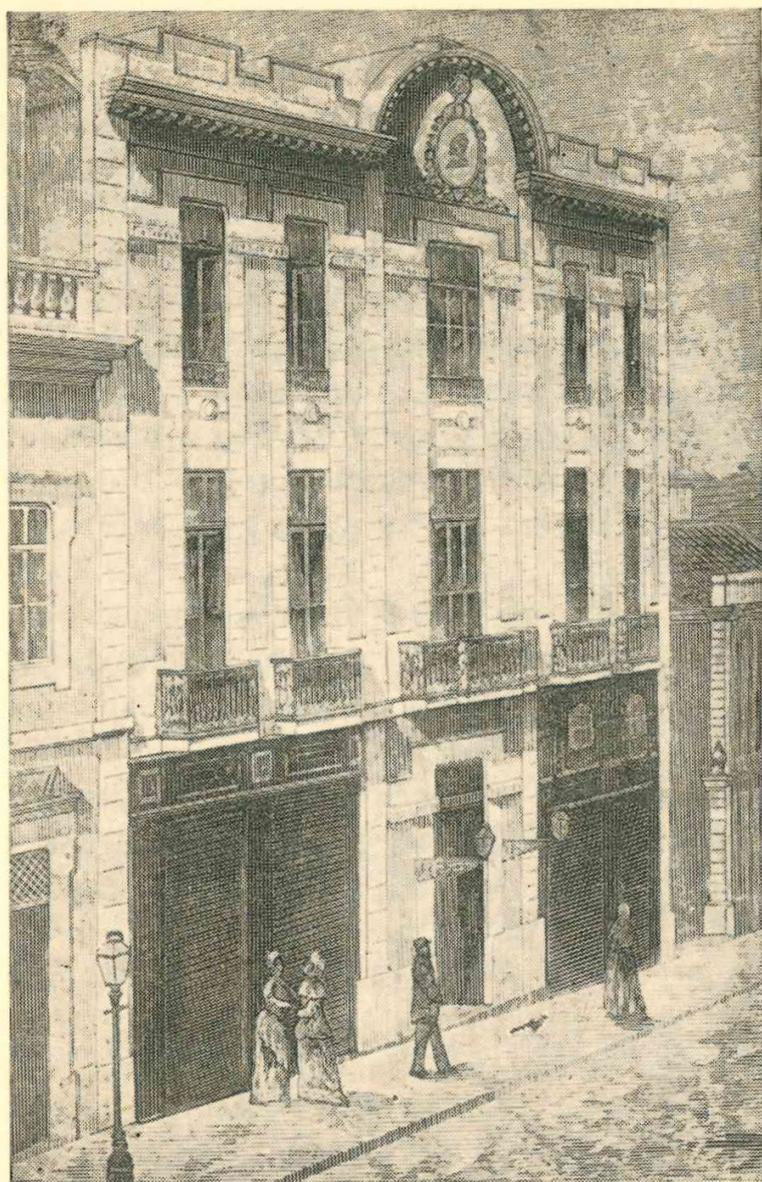
(1) A *Marcha do Ódio* foi dada a público em 5 de Abril

Foi este o último trabalho famoso do insigne compositor «portuense». Daí por diante, o genial Artista, que havia chegado coberto de louros ao cimo dessa grande montanha chamada GLÓRIA, começou a descer a escorregadia encosta que são forçados a trilhar todos aqueles que não podem manter-se no zénite até ao momento em que os seus nobres corações deixem de palpitar!... Miguel Angelo, que nos tempos áureos se via embarçado para atender os numerosos alunos que, sem olharem a preço, solicitavam as suas lições, sentia-se agora aflito com a escassez de discípulos para leccionar; — achava-se rodeado por cinco filhos e, por vezes, menor quantidade de alunos!...

Por esse tempo já Miguel Angelo se dizia nascido em Barcelos, e amiudadamente visitava a princesa do Cávado, — quiçá na miragem de encontrar na remançosa e bucólica terra nortenha aquela doce quietude de que o seu espírito tanto carecia... Eram, afinal, quase sempre baldados os seus anseios, e ao Porto regressava sem ter logrado apreciável lenitivo; — em suma: caminhava na descida...

Em 3 de Dezembro de 1888 efectuou no «Teatro de S. João» um concerto em seu benefício; mas, apesar do seu reconhecido valor, já então eram medíocres os triunfos e bem poucas as vantagens materiais: — a roda da fortuna havia começado a trocar-lhe as voltas!... Ainda assim o genial e malogrado artista conservava o orgulho de sempre

de 1890, tendo sido impressa na Tipografia Ocidental, em opúsculo de esmerada apresentação gráfica, juntamente com a música de Miguel Angelo.



A fachada do edificio do Ateneu Comercial do Porto em 1888

e mantinha-se inconformista — tão estòicamente decidido a reagir à adversidade que não hesitou em voltar ao Brasil, convicto de lá encontrar novamente a fortuna que algumas vezes lhe sorria aliciante!... Infelizmente enganara-se, e ao fim de

alguns meses regressou à Pátria, completamente desiludido e com o espírito algo afectado... Desde então nada mais produziu. Em 1900 estava pobre e doente; o seu belo espírito foi-se toldando por densas núvens, e em Janeiro de 1901 obscureceu-se completamente!...

No dia 27 do já citado mês e ano, quando o telégrafo trouxe à cidade invicta a notícia de que o célebre Verdi se finara em Milão, Moreira de Sá reunia em sua casa um numeroso grupo de artistas a fim de atenuarem a desdita do seu antigo Mestre, ficando resolvido organizarem duas subscrições e darem, depois do Carnaval, um grande espectáculo no «Príncipe Real» em benefício do genial Artista que as privações e os desgostos mergulharam nas densas trevas da loucura.

Foi simpático e nobre o propósito filantrópico e fraternal da élite artística portuense — mas, infelizmente, já tardio e inútil... Miguel Angelo, que havia sido internado numa Casa de Saúde da antiga Rua Duquesa de Bragança, já não beneficiou da solidariedade dos antigos discípulos, admiradores e amigos, pois finou-se quatro dias depois: — paupérrimo e louco, como José Cândido e como Sá Noronha!... (1)

(1) Em 3 de Fevereiro de 1901 foi o malogrado Artista repousar para Agramonte, tendo assistido ao seu funeral alguns intelectuais portuenses, alguns discípulos e muitos admiradores, contando-se entre eles Moreira de Sá — que também representava Alfredo Keil —, Luigi Taglapietra, António Soller, Ernesto Maia, Artur Ferreira, Augusto Suggia e Guilherme Gomes Fernandes com um ajudante e um chefe de companhia.

TIP EMPRESA GUEDES, LDA. - PORTO

biblioteca
municipal
barcelos



27110

Miguel Ângelo